



A arte de poetizar: o poder das palavras nas trincheiras de luta *The art of turning facts into poetry: the power of words in the trenches*

OLIVEIRA, Rebeca Bispo¹; NASCIMENTO, Itamiles Santos²

¹ Escola Família Agrícola Regional, bispo2616@gmail.com; ² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, itamilessantos@outlook.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo estabelecer um debate em relação às contribuições da poesia nas trincheiras de luta. O relato explora a escrita poética das autoras, alinhado aos textos um material bibliográfico que estabelece discussão sobre a articulação da poesia com a vida. Nesse sentido, a proposta é apontar o cunho social e político da poesia como estratégia de enfrentamento e esperança diante do cenário posto para os nossos povos. Corrobora com este trabalho a compreensão da arte e cultura que é a poesia como instrumento de comunicação e expressão em defesa de nossos territórios, corpos, saberes, tradições e modos de vida no campo e nas periferias urbanas, e por isso compreendemos que a mesma está imbuída no fazer da agroecologia. Concluir-se que esse debate e caminho são fundamentais para expressar nossas opiniões, vozes e identidade que por muito tempo foram silenciadas e discriminadas e assim, ampliá-las em diversos ambientes.

Palavras-Chave: poesia; povo; lutar; identidade.

Contexto

Costurar versos e resistência em uma sociedade carregada de conflitos e problemas sociais é mais que necessário, é sobrevivência. O Brasil é marcado por períodos históricos de opressão que de maneira perversa atinge até hoje os povos e grupos que erguem este país. Embora sejam silenciados, criminalizados, discriminados, expulsos dos seus territórios, estes explodiram inúmeros movimentos e atos no país contra as opressões instauradas pela classe elitista. Trabalhadores(as), mulheres, negros(as), indígenas, quilombolas, camponeses(as), LGBTQIA+ hastearam frentes de lutas, estratégias e espaços em defesa dos seus direitos, identidade e bem-viver. Dentro disso, a poesia brota como um forte instrumento de luta social e reafirmação de identidade.

Seja ela manifestada em poemas, músicas ou até retratada em imagens, torna-se uma arma de enfrentamento diante dos descasos sociais fixados na sociedade em prol da elevação de um projeto hegemônico e capitalista. É através da poesia que os sujeitos historicamente marginalizados enxergam uma tática de se manterem sólidos na luta e expressar livremente em uma sociedade preconceituosa e exclusiva seus anseios, perspectivas, conquistas, vivências, dores e afetos. Ao mesmo tempo, reescrever memórias, construir novas narrativas, promover a politização, demarcar o contexto social, denunciar as barbáries de governos e sobretudo reexistir. A poesia tem este poder e por isso é fundamental descrever sobre esta arte nas trincheiras de luta e sua contribuição para ecoar o “nosso chão”



e o que somos, e todos esses elos formam uma importante conexão com a agroecologia.

Desta maneira, este trabalho pretende apresentar produções poéticas das autoras e expressar suas intencionalidades e bandeiras içadas, as quais exprimem enfrentamentos erguidos nos caminhos agroecológicos. Entendendo que o diálogo da poesia com a agroecologia não se estabelece apenas nas questões ambientais, mas no todo que move as nossas identidades, territórios e lutas populares. Por isso, essa relação é um verdadeiro plano estratégico para expor através da arte as nossas culturas, conflitos, bem como, fazer a defesa do nosso projeto político e bem-viver.

Descrição da Experiência

De antemão vale destacar que este trabalho discorre sobre materiais poéticos das autoras. O texto é desenvolvido a partir da exploração de escritas de mulheres negras, pertencentes a categorias, como: estudantes, militantes de movimentos sociais, comunidades tradicionais, LGBTQIA + e educadoras. Deste modo, expõe um poema de cada autora e a concepção que eles carregam. Para mais, houve um suporte de levantamento de dados históricos e literários relacionados com a temática em debate.

No decurso da história do Brasil, escritores(as), musicistas, diversos(as) artistas expressaram suas reivindicações e posições políticas através da poesia. Durante os anos da ditadura militar, a poesia que ecoava nas músicas e poemas tornou-se uma ferramenta de resistência e denúncia perante o regime que se manifestava. Violências, censuras, opressão, direitos negados espremia a população. Por meio de diversas estratégias o povo se protegia e soavam mediante suas palavras e cantos suas indignações.

Refletindo a época, é possível perceber que este movimento continuou a serviço das intervenções populares, buscando fortalecer as lutas dos movimentos sociais, tanto urbanos como camponeses, em defesa de todos os direitos básicos, além de promover a conscientização do povo enquanto atores construtores de sua história e participativos da sociedade. Composições, a exemplo de, Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré; Apesar de você, de Chico Buarque; É proibido proibir, de Caetano Veloso; Como os nossos pais, interpretada por Elis Regina, de Belchior, demarcaram aquele período político e retrataram a realidade do cenário brasileiro. Após décadas o uso do papel e da caneta para escrita de poesias permanece como instrumento de resistência e reexistência da classe trabalhadora.

Neste contexto, poetas e poetisas levantam-se contra o sistema e utilizam de suas palavras nas trincheiras de luta diante de vários conflitos existentes em seus territórios, os quais impactam diretamente no seu modo de vida e identidade. Os versos percorrem todas as dimensões da sociedade, são escritas políticas, sem neutralidade, a qual denuncia e aponta caminhos de sobrevivência. É nesta



perspectiva que os textos elaborados pelas autoras que constroem este trabalho guiam-se e esses aqui são analisados para tal reflexão do quadro que vivenciam.

SIM, CRESPOS!

Meus cabelos crespos,
Rebeldes,
Indefinidos.
Não se comportam aos moldes
Da sociedade.
Do seu preconceito criado
Entranhado no teu ser cretino.
Meu Black não se curva
Não se dobra
Sem manobras
Ele floresce,
Aparece, chama atenção.
Ignora olhares de repressão.
Afronta os racistas.
Não, meu cabelo não é ruim.
Ruim é sua incapacidade de enxergá-lo
Belo, como ele é..
Sim, crespo!
Black Power!
Dispensa a definição de curvatura.
Ele não se curva, criatura.
Meus cabelos crespos.
Formam minha identidade
Negra.
Africana, em diáspora.
Conexão com minha ancestralidade.
Meu Black é minha coroa
De princesa,
Descendente de Rainhas e Reis
Negras e negros de África.
(SANTOS, 2022, p.47-48).

O poema acima emerge de um conjunto de sentimentos que foram constituídos das diversas formas de racismo sofridas pela poetisa ao longo de sua vida, sobretudo no que se refere aos seus cabelos crespos que desde sua infância foram tomados como alvo principal das violências diretas do racismo. Os crespos que já foram submetidos ao ferro esquentado na brasa, ao uso de produtos químicos para o suposto e violento alisamento, a chapinha, prancha e escova. Tudo isso na tentativa involuntária de encaixe aos padrões de beleza e aceitabilidade impostas por essa sociedade racista, capitalista dentre outras determinantes excludentes.

Todavia, este poema escrito em 2022 rompe definitivamente com os resquícios das violências racistas ao tempo em que reafirma a identidade negra da autora, celebrando e reverenciando sua ancestralidade e negritude a partir dos seus cabelos crespos. É importante enfatizar que apesar do poema ter sido escrito no ano passado, a escritora é uma crespa assumida há cerca de 10 (dez) anos, é uma opção composta por um arranjo de fatores como identidade, estética e decisão política de resistência ao racismo e padrão de beleza que foi posto.



Ademais, o próprio título da obra é uma afirmação: Sim, Crespos! Ele se apresenta como uma forma de confronto direto aos racistas e reafirmação de sua identidade negra e de seus cabelos crespos. Assim, os versos seguem denunciando o racismo e com o sentido de se rebelar de fato contra as injúrias e violências raciais. Contudo, a poetisa também evidencia a boniteza do afeto que tem pelos seus crespos fazendo uma interface com a ancestralidade africana em diáspora. Com isso, almeja inspirar outras pessoas negras e crespas a assumirem sua identidade tecendo afetividade e afrontarem os racistas.

É visível como a nossa existência, as formas de sobrevivência e a história que percorre sobre os nossos corpos e antepassados torna-se uma alavanca para a nossa escrita. Nestas construções refletimos o que é colocado em questionamento por Conceição Evaristo (2005, n.p.): “É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?”. É nesse enlaçado que tecemos a escrevivência, compartilhando vivências, dores e afetos, colocando-se na escrita por inteira, possibilitando que outras pessoas possam sentir e por muitas vezes se enxergar nas palavras costuradas. Além de incomodar estruturas já estabelecidas e despertar vozes que por muito tempo foram silenciadas.

É neste percurso que evidenciamos também que a poesia não é neutra, a escrita é carregada de subjetividade, de ideologia, mergulhamos nas palavras e as palavras são tingidas por nós. A poesia tem uma finalidade política e social. Lemos o poema abaixo:

O BRASIL DE 2021

O ano é 2021
O sistema continua o mesmo
O sangue do pobre e preto
Lava o chão da favela
O vírus é apenas mais um dos perigos
A violência está escancarada
Batendo de todas as formas na gente

No hospital não tem mais vaga
Sem leitos e equipamentos
Alavanca o número de mortes
A casa do pobre
Muitas vezes não tem água para lavar as mãos
Olha lá dinheiro para comprar sabão
O desemprego é o único que bate na porta
Onde estão as mãos que nunca se soltam?
A geladeira continua vazia
O som que ecoar
É o da criança chorando com fome
E a família com a barriga vazia

Infelizmente o cenário só tem a piorar
O Brasil está sujo de sangue
Presidente genocida



Zomba das mortes e não compra vacinas
A única coisa que se faz aqui é construir covas
E ordenar chacinas
Criminaliza os movimentos sociais
Legaliza o roubo de nossas terras
E extermínio de nosso povo
A boiada deles tem de passar
Jogam veneno e queimam tudo
O que vai restar?
O vírus controla o mundo
E o Estado nos assassina
Para onde correr
Com fome, sem teto e sem vacina?
Ainda querem dizer que é possível
Voltar às aulas na pandemia
Brincam com as nossas vidas

Estamos morrendo
Por conta de um projeto perverso
Doe ver corpos cobertos por sangue e terra
Doe ver famílias a chorar
Por tragédias que o governo poderia evitar

Tá ligado que é nós por nós
Se não for assim, quem mais vai nos amparar?
Sei que está difícil, mas ainda há força para essa guerra travar
Nossa voz precisa ecoar em cada esquina desse país
Armados e armadas de conhecimento
Cobrar tudo que nos foi retirado
Cada vida levada pela Covid por falta de assistência
Cada corte realizado nas políticas públicas
Cada sangue derramado
Vão ver o que um povo de punho erguido e voz aliada
Pode fazer quando revoltado
(OLIVEIRA, 2021, p.78-79).

Evaristo diz: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (2005, n.p.). O poema O Brasil de 2021, foi feito em um momento de grande tensão em nosso país, chegada da pandemia da Covid-19, o governo da época passando a “tesoura” em diversas políticas públicas, extermínios de povos tradicionais e periféricos negro aumentaram drasticamente, entre outros descasos e ações desumanas para com o povo. Assim, estes versos emergem como um protesto e forma de não se acomodar perante as situações. Elementos presentes nos versos cercavam de forma perversa a vida e família da autora. Suas dores e angústias foram depositadas em cada linha.

Apesar de fortes e duras palavras, a poetisa não deixa de mostrar que a chama da esperança e da rebeldia não foram apagadas, por ao contrário, o momento era de se resguardar e alimentar as estratégias para quando possível retornar às ruas com toda força e coragem, a sua voz ecoa no poema um grito também de organização entre as massas e a potência quando um povo unido decide cobrar o que é seu. Era preciso que em suas palavras evidenciasse sua posição política e fúria diante de



tantas negligências e arbitrariedade, mas ao mesmo tempo fosse manifestado o poder das massas em ação.

Os dois poemas citados aqui apresentam uma figuração com pontos de pautas semelhantes e distintos. Contudo, um posicionamento certo em relação às imposições e padrões colocados pelo sistema. Para mais, aponta as gerações atuais e futuras construções e manifestações artísticas como formas de intervenções sociais, políticas e culturais. Fazendo chegar ao povo um material que desperte sobre a realidade a qual estão inseridos e provoque a estes promover a transformação do seu meio.

Resultados

Enfim, este trabalho possibilitou aprofundar por meio dessas construções poéticas o poder das palavras em nossos cenários de luta. Permitindo refletir como os versos constituem-se como uma poderosa ferramenta de enxergar como o sistema edifica padrões e projetos hegemônicos que atingem o nosso modo de vida e o que somos, negando os nossos direitos e liberdade. É diante dessas evidências que é necessário cada vez mais proporcionar espaços que ecoem as nossas vozes e escritas e meios de divulgação que fazem circular as nossas produções literárias ampliando o acesso a elas por várias épocas. Além disso, é vital para reconhecer que a agroecologia é uma via que faz importantes conexões com as diversas pautas política, social, cultural, étnico-racial, educacional e ambiental dos povos do campo e da cidade. Por meio dela é possível lutar pelo que acreditamos e lutar poeticamente, pois sem reconhecer quem somos e sem defender nossa identidade e território não será possível erguer uma bandeira em prol do que a agroecologia defende enquanto projeto de sociedade.

Referências bibliográficas

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Revista Z Cultural**, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-DE-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRITA-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

OLIVEIRA, Rebeca. O Brasil de 2021. In: IANCOSKI, Jéssica (Org.); ANDRE, Alexandre Humberto; CARMO, Aline Ferreira do; ROCHA, Alisson *et al.* **A poesia não é inofensiva: poética antologia**. – Curitiba: Eu-i, 2021. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/006715416d028e026702c>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SANTOS, Itamiles. Sim, crespos! In: SANTOS, Itamiles. **Desaguar: Poesias, Lamentos e Rebeldia**. 1ª ed. – Pereira Barreto/SP: A Arte da Palavra, 2022.